

Arquivo Central FGV

Mario Henrique Simonsen

Um homem de superlativos

Carla Falcão
Do Rio

A inteligência prodigiosa, a capacidade incomum de processar informações e gerar previsões de longo prazo e a memória extraordinariamente bem estruturada, associadas a características como a paixão pela música clássica, o talento para ensinar e o bom humor, mais a grandeza de reconhecer os próprios enganos, fizeram de Mario Henrique Simonsen uma figura incomparável.

Nascido no Rio de Janeiro, em 19 de fevereiro de 1935, Simonsen concluiu o primário e o secundário no Colégio Santo Inácio, tendo se graduado como engenheiro civil, com especialização em engenharia econômica, em 1957, pela Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, atual UFRJ. Já em 1958, começou a dar aulas no Instituto de Matemática Pura e Aplicada e na própria universidade em que se formou, iniciando uma trajetória bem-sucedida no ensino.

Em 1960, tornou-se consultor da Sociedade Civil de Planejamento e Consultas Técnicas (Consultec), dedicada a estudos econômico-financeiros fundada no ano anterior por Mário Pinto, Lucas Lopes, Roberto Campos e Jorge de Melo Flores. Foi na Consultec, da qual viria a se tornar sócio, que Simonsen começou a destacar-se entre os grandes economistas da época. Em 1961, ainda estudante — ele concluiu sua segunda graduação na Faculdade de Economia e Finanças da Universidade do Rio de Janeiro, em 1963 —, foi contratado para exercer as funções de professor e de consultor técnico do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), na Fundação Getulio Vargas.

Neste mesmo ano, um antigo colega, Júlio Bozano, o convenceu a entrar no mercado financeiro. Juntos criaram uma distribuidora de valores que se transformou no maior banco de investimentos do país, o Bozano, Simonsen. No livro *Mario*, de Luiz César Faro e Coriolano Gatto, Júlio Bozano conta que Simonsen era o avesso de um banqueiro, a antítese de um executivo e, ao mesmo tempo, o melhor analista econômico, o intérprete perfeito da conjuntura econômica.

Em 1964, Simonsen passou a colaborar com o então ministro do Planejamento Roberto Campos, a quem já conhecia desde os tempos da Consultec, na implementação do recém-criado Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG). Nesta ocasião formulou um novo cálculo salarial pelo qual os vencimentos resultariam da média dos dois anos anteriores. Gerou a ira dos sindicalistas que anteviam uma redução do poder aquisitivo dos trabalhadores. Trinta anos depois, o próprio Simonsen admitiu, durante uma entrevista, que os salários na indústria tiveram uma perda real de 25% durante o duro ajuste da economia entre 1964 e 1967.

Habitação — Seguindo as diretrizes dadas pelo PAEG, Simonsen criou, com José Luís Bulhões, o projeto que, transformado na Lei 4.380, deu origem ao Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e ao Banco Nacional de Habitação (BNH), além de instituições financeiras privadas e instrumentos específicos de mobilização de recursos para o sistema, como as letras imobiliárias e as cadernetas de poupança. Em novembro de 1965, passou a integrar o conselho de administração do BNH ao lado de Hélio Beltrão e Fernando Portela. No ano seguinte, tornou-se diretor da recém-criada Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE), na FGV, que teve origem no Centro de Aperfeiçoamento de Economistas (CAE), por ele dirigido desde 1965 e onde lecio-

"Nunca achei nenhuma graça no poder. Já estou privatizado"
Julho/1994

"Nós formávamos um grupo de cinco pessoas que às sextas-feiras e sábados, à noite, jogava pôquer na casa do Mario, em Teresópolis. Esse encontro chamava-se "pôquer musical". O Mario era um profundo conhecedor de música clássica e cantava óperas. Imaginem seis ou sete horas de jogo ouvindo Beethoven, Mozart, etc.? Após o jogo, nós nos reuníamos na varanda e sempre tinha um assunto de destaque nacional que o Mario analisava para nós. Havia gente que queria pagar para participar do encontro. Foi durante essas reuniões que ele inventou a seguinte regra: o par de seis que ganhasse no pôquer merecia um prêmio grande. Era o estímulo ao blefe. Afinal, como se sabe, o par de seis não vale nada. Mario era conservador no jogo e não blefava. Então, de vez em quando, jogava alto e todos fugiam, porque conheciam o estilo dele. E era justamente nessas ocasiões que ele ganhava com um par de seis. "

Moisés Glatt
Economista

nava há seis anos. Entre 1961 e 1965, acumulou também o cargo de diretor do Departamento Econômico da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e de diretor da Crédito, Financiamento e Investimento S.A. (Credisan) de 1962 a 1963.

Com o marechal Artur da Costa e Silva assumindo a presidência da República em março de 1967, sucedendo o também marechal Castelo Branco, Simonsen deixou o governo, dedicando-se ao trabalho acadêmico e às atividades empresariais. Naquele mesmo ano, integrou o conselho consultivo da Companhia Docas de Santos e, no seguinte, o de administração da Mercedes-Benz do Brasil e o consultivo da Souza Cruz.

Em abril de 1970, Simonsen retornou ao governo, na época presidido pelo general Emílio Garrastazu Médici. Assumiu a presidência da recém-criada Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), ocasião na qual percebeu que poderia desenvolver projetos de massa, desde que o custo padrão fosse bem definido, conta o amigo Luís Fernando da Silva Pinto, que destaca ainda a grande preocupação do economista com as questões sociais (leia boxe). Simonsen esperava erradicar o analfabetismo no Brasil em dez anos, mas após uma década admitiu que havia superestimado a eficiência da instituição.

Fazenda — No mandato do general Ernesto Geisel (1974/79), Simonsen ocupou o Ministério da Fazenda. Ao lado de João Paulo dos Reis Velloso, no do Planejamento, formulou a política econômica do governo, cujas principais metas foram definidas pelo II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND). O documento enfatizava a diminuição da dependência do país em relação às fontes externas de energia e a necessidade de incentivo às indústrias básicas e dos setores de infra-estrutura nacional. Também enfatizava que a presença maciça de capital estrangeiro na infra-estrutura deveria ser evitada, estimulando-se, por outro lado, seu crescimento nos setores considerados não-básicos.

O objetivo do II PND era sustentar taxas elevadas de crescimento, mas diante da aceleração do processo inflacionário, do aumento da dívida externa e do desequilíbrio do balanço de pagamentos, Simonsen implementou uma política contencionista. A conseqüente recessão foi alvo de duras críticas por parte do setor industrial, que já vinha insatisfeito por conta do tratamento dado ao capital estrangeiro.

Tendo em vista as pressões contrárias à política adotada, o governo decidiu pôr em prática política de expansão da economia projetada pelo II PND. Mas, diante da tentativa de conciliar o expansionismo com o controle do balanço de pagamentos, foram adotadas, com apoio de Simonsen, duas medidas: depósito compulsório por 360 dias de 100% sobre o valor das importações e a abertura de contratos de risco entre a Petrobras e companhias estrangeiras para a prospecção de petróleo.

No primeiro semestre de 1976, o crescimento industrial havia sido retomado. No entanto, a inflação teimava em subir. Neste cenário, Simonsen fortaleceu sua autonomia e deu início à redefinição da política econômica, que passou a ter como principais objetivos reduzir a inflação e recuperar as contas externas. Para tanto, foram tomadas algumas medidas tais como a restrição do crédito bancário e a fixação de tetos para os gastos da União,

"Muitos conheceram Mario Henrique Simonsen. Mas, pouquíssimos conheceram o Dragão, como era chamado desde a Consultec, por causa do hábito de soltar a fumaça do cigarro pelo nariz. Lá, a convite dele, comecei, em 1961, minha vida profissional como estagiário e terminei como principal projetista do grupo. Depois, em 1966, me levou para lecionar na Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE). Ele tinha a capacidade rara de evoluir em conceitos e possuía uma memória prodigiosamente bem estruturada. Falava vários idiomas: português corretíssimo, inglês, francês, espanhol, italiano e ainda arranhava um alemão. Sem contar nosso dialeto, o "prussiano do sul". Inventada por nós dois, não passava de um aglomerado de sons germânicos sem qualquer significado, que gostávamos de usar quando entrávamos em um elevador cheio, por exemplo.

No fundo, ele sempre raciocinou como engenheiro, dando muita importância ao lado real dos projetos. Nunca foi um sonhador. Para ele, não importava se o que estava em questão era uma empresa, o governo ou a sociedade. Qualquer que fosse a estrutura, ele tinha seu fluxo de caixa, com o qual era necessário conviver. Era uma pessoa muito ligada à área social e tinha grandes projetos para o Brasil, tendo sido o primeiro presidente do Mobral. Mario teve ainda o privilégio de permanecer por quase 18 anos no *board* do Citicorp. Uma coisa que talvez poucas pessoas saibam, e de que ele se orgulhava muito, foi o fato de ter sido convidado para fazer parte do *board* de planejamento estratégico da própria corporação. Outro convite que recebeu, em 1961, quando eu comecei a trabalhar na Consultec, foi de Harvard, que gostaria de tê-lo como professor."

Luiz Fernando da Silva Pinto
engenheiro civil com especialização em Economia

que não impediram, todavia, a reaceleração inflacionária.

Planejamento — Com a posse do general João Figueiredo, em março de 1979, Simonsen passou a ocupar o posto de ministro-chefe da Secretaria de Planejamento (Seplan) da Presidência da República, firmando-se como o principal responsável pela orientação econômica do novo governo, que optou pela centralização das decisões da área de política econômica. Neste período, a Seplan passou a coordenar também o Conselho Monetário Internacional. Mas a permanência de Simonsen no cargo foi curta. Em agosto do mesmo ano, renunciou, alegando faltar à Seplan "estrutura e poderes legais para funcionar como um ministério de coordenação econômica". A Figueiredo, Simonsen teria dito ainda que "se era para soltar o controle das contas, ele preferia sair", lembra o amigo e ex-assessor, Luís Carlos Ewald (leia depoimento).

No mesmo mês em que pediu demissão da Seplan, o economista retornou à FGV e assumiu a vice-presidência do IBRE e a direção da EPGE. E, ainda em 1979, Simonsen foi convidado para membro do Conselho do Citicorp (*holding* controladora do Citibank), um dos cargos mais importantes que já exerceu na iniciativa privada e no qual permaneceu por quase 18 anos. Sua trajetória na área empresarial inclui ainda participações nos conselhos de administração do Banerj, do grupo Monteiro Aranha, na Schering do Brasil, na Souza Cruz, na Xerox e na Philips do Brasil, entre outros.

Por esta época, Simonsen já era visto como uma espécie de oráculo da economia no país. Seus contemporâneos são unânimes ao enfatizar sua capacidade extraordinária de traçar, de forma precisa, cenários econômicos com anos de antecedência. Ele foi, por exemplo, pioneiro no Brasil na detecção e investigação do processo de realimentação inflacionária. E, na contramão do que defendiam os economistas heterodoxos, autores dos primeiros e fracassados planos antiinflacionários da segunda metade da década de 1980, ele nunca deixou de alertar que o rigor fiscal era indispensável a um programa bem-sucedido de estabilização.

Pragmatismo — Sobre a necessidade de abrir a economia, ele brincava: "O que seria da humanidade se os governos do século passado tivessem resolvido proteger os fabricantes de velas contra a concorrência da lâmpada elétrica?" Outra das tiradas pragmáticas de Simonsen tratava da ojeriza brasileira ao Fundo Monetário Internacional (FMI), que julgava tão irracional quanto atribuir a cárie ao dentista. De acordo com ele, nossa soberania não se encontrava em questão quando se tratava de negociações internacionais, uma vez que estava decidida desde o dia 7 de setembro de 1822.

Consagrado como um dos maiores economistas brasileiros de todos os tempos, Simonsen era também dono de uma personalidade incomum. Vascaíno fanático, ele era uma figura divertida, desprendida e bem-humorada, capaz de chutar bolinhas de papel em seu escritório. Amante da música clássica, o professor era também um barítono, capaz de cantar óperas inteiras em russo, idioma que não falava. Também adorava jogar pôquer com os amigos em reuniões nos fins de semana em sua casa em Teresópolis, na região serrana do Rio de Janeiro.

"Um dos defeitos da cultura brasileira é não encarar a educação como matéria-prima da produção"

Setembro/1970

"Em agosto de 1979, ele pediu demissão do Ministério do Planejamento porque o Congresso resolveu que os reajustes dos salários seriam semestrais e não mais anuais, decisão que ia se tornar um grande instrumento para a indexação, realimentando a inflação. Ele bateu de frente com a área política. Uns dez dias depois de ter deixado o governo, Mario fez uma reunião no seu apartamento, no Rio de Janeiro, com toda a sua antiga equipe do Ministério. Vários assessores tinham feito a mudança das famílias para Brasília em julho, já que foram nomeados em março. Diante disso, ele comentou em tom de brincadeira: 'Pois é... O Brasil precisava fazer uma recessão para controlar a inflação. Eu não consegui fazer essa recessão no país, mas, em compensação, fiz uma recessão na economia de todos os meus assessores'."

Luis Carlos Ewald
professor da FGV

Lições em muitas páginas

O pensamento do professor Mario Henrique Simonsen está espalhado em centenas de artigos, trabalhos acadêmicos e discursos e milhares de entrevistas, sem esquecer as lições transmitidas em sala de aula que ficaram gravadas na memória dos seus alunos da Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE), da Fundação Getulio Vargas. Mas são nas dezenas de livros publicados que as suas idéias se manifestam de forma completa e acabada, permitindo que se perceba a capacidade intelectual de quem soube pensar e transmitir a ciência econômica em linguagem clara e precisa. E as suas páginas guardam ensinamentos, muitos dos quais sobre inflação, para aqueles que desejam conhecer a trajetória da economia brasileira no século XX. Aqui estão alguns:

- Introdução à programação linear (1964)
- A experiência inflacionária no Brasil (1964)
- O mercado brasileiro de capitais (1965)
- Bases para um plano decenal de desenvolvimento econômico (1965)
- Teoria microeconômica (1967)
- Brasil 2001 (1969)
- Inflação: gradualismo *x* tratamento de choque (1970)
- Novos aspectos da inflação brasileira (1970)
- A correção monetária, com Julian Chacel e Arnoldo Wald (1970)
- Ensaios sobre economia e política econômica: 1964-1969 (1971)
- A nova economia brasileira, com Roberto Campos (1972)
- Brasil 2002 (1972)
- O modelo brasileiro de desenvolvimento (1973)
- A teoria do crescimento econômico (1973)
- Macroeconomia, em dois volumes (1974)
- A experiência brasileira de planejamento (1974)
- Dinâmica macroeconômica (1984)
- A inflação brasileira: lições e perspectivas (1985)
- Macroeconomia (1989)
- Ensaios analíticos (1994)
- 30 anos de indexação (1995).



"A corrupção no Brasil não é apenas resultado da impunidade e da dissolução dos valores morais, mas das tentações criadas pela própria organização do Estado"

Novembro/1993

Outra grande paixão do economista era o xadrez. A companheira incansável para as partidas, que às vezes atravessavam a madrugada, era sua esposa Iluska Pereira da Cunha, a quem Simonsen conheceu na Praia Vermelha, na Urca, e com quem teve três filhos — Ricardo, Sérgio e Maria Cristina. Conta-se que Simonsen abandonou o xadrez depois de ter reconhecido a invencibilidade da mulher, alegando: "Não tem graça perder sempre."

Não se pode deixar de falar do Simonsen professor, que acreditava que, para entrar no primeiro mundo, não bastava o Brasil combater a inflação, coibir os cartéis e abrir a economia ao exterior. Era preciso, antes de tudo, investir em educação e valorizar a mão-de-obra nacional. "Estratégico não é mais o petróleo, a energia, o telefone, o asfalto. Estratégico é investir em gente." Diante da declaração, não é de se espantar, portanto, que Simonsen demonstrava um grande prazer em ensinar, atividade que lhe rendeu não somente incontáveis elogios como também o título de um dos melhores professores que já passaram pela FGV. Do Simonsen mestre sabe-se que ele era tolerante com o erro não-intencional e rigoroso na crítica à preguiça intelectual e à falta de lógica, mantendo uma relação informal, afetuosa e instigante com seus alunos, define perfil traçado pela EPGE.

Em 1994, ao descobrir um grave câncer no pulmão, saiu da direção da EPGE, cargo que havia ocupado por dois períodos distintos. Mas, mesmo doente, não deixou de participar ativamente da cena econômica do país, tendo, inclusive, sugerido a proposta de trabalhar com bandas cambiais mais frouxas, que foi endossada pela equipe econômica do recém-empossado presidente Fernando Henrique Cardoso.

Mario Henrique Simonsen morreu no dia 9 de fevereiro de 1997, no Rio de Janeiro. Passados 10 anos de seu falecimento, ainda é reconhecido como um dos maiores economistas do país. Agraciado com diversas condecorações nacionais e estrangeiras, entre as quais a de Grande Oficial da Ordem do Rio Branco, a Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha e a de Cavaleiro do Império Britânico, Simonsen deixou um legado incomparável. Suas obras até hoje orientam aqueles que traçam os destinos da política econômica do país.